

A LÍNGUA[GEM] COMO PROPOSTA DE MUDANÇA EPISTEMOLÓGICA E METODOLÓGICA NA LA CONTEMPORÂNEA

LANGUAGE AS A PROPOSAL FOR EPISTEMOLOGICAL AND METHODOLOGICAL CHANGES IN CONTEMPORARY AL



Vol. II Número 21 jan./jul. 2016

p. 085 - 097

Ricardo Regis de Almeida ¹

Barbra Sabota ²

Maria Eugênia Curado ³

RESUMO: Esta pesquisa tem por objetivo refletir sobre o[s] conceito[s] de língua[gem] presentes em discussões teóricas nas áreas de LA, Sociologia e Linguística que perpassam os séculos XX e XXI e investigar como os autores da LA contemporânea têm abordado essas conceituações como proposta de mudança epistemológica e metodológica. Inscrita nos estudos de natureza qualitativa, a nossa investigação está organizada da seguinte forma: primeiro apresentamos alguns caminhos percorridos pela LA no Brasil e a influência exercida pela Linguística e por outras áreas do conhecimento nesse campo de investigação. Em seguida, abordamos os conceitos de língua[gem] presentes em discussões teóricas das áreas de Sociologia, Linguística e LA para, então, elucidarmos algumas características da LA contemporânea e como esse campo de investigação tem revisado suas bases epistemológicas e metodológicas com base em teorias pós-modernas, pós-colonialistas, pós-estruturalistas, antirracistas, feministas e *queer*. Por fim, tecemos algumas considerações sobre os caminhos percorridos pela LA até a sua compreensão contemporânea de área de investigação mestiça, híbrida e fronteiriça; sobre o papel da língua[gem] nesse processo de transição metodológica e epistemológica; e vislumbramos possíveis caminhos para esse campo que tem se mostrado líquido e sem um destino final.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Aplicada contemporânea; língua[gem]; mudanças epistemológicas e metodológicas.

ABSTRACT: This research aims to reflect on the concepts of language present in theoretical discussions in the fields of

¹ Mestrando em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás. Professor de língua inglesa na escola de idiomas Cultura Inglesa e integrante do projeto de pesquisa TDELE. E-mail: ricardo_re12@hotmail.com.

² Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Docente do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás – UEG. E-mail: barbrasabota@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Docente do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás – UEG. E-mail: curadoeugenia@hotmail.com

Sociology, Linguistics and AL that underlie the twentieth and twenty-first centuries as well as to investigate how the authors of contemporary AL have addressed these concepts as a possible epistemological and methodological change in studies in AL. Enrolled in studies of qualitative nature, our research is organized as it follows: First, we present some paths taken by AL in Brazil and the influence carried out by Linguistics and other scientific fields in AL. Then, we approach the language concepts present in theoretical discussions of Sociology, Linguistics and LA fields, elucidate some characteristics of contemporary AL and how this research field has revised its epistemological and methodological foundations based on postmodern, post-colonial, post-structuralist, anti-racist, feminist and queer theories. Finally, we address some considerations about the paths taken by AL to its contemporary understanding of mixed research and hybrid area. We also comment on the role of language in this methodological and epistemological transition and envisage possible ways for this field that has shown its liquid characteristics and without a final destination.

KEYWORDS: Contemporary Applied Linguistics, language, epistemological and methodological changes.

Introdução

A língua[gem] tem sido amplamente discutida em investigações presentes no campo da Linguística Aplicada (doravante LA) (MOITA LOPES, 2006a, 2009; PENNYCOOK, 2001; PESSOA e URZÉDA FREITAS, 2012, entre outros), porém dentro da própria seara da LA é possível encontrar múltiplos entendimentos concernentes a esses conceitos e que nem sempre dialogam entre si (RAJAGOPALAN, 2003). Nesse sentido, buscaremos nos embasar em uma LA contemporânea preocupada em revisar suas bases epistemológicas e metodológicas e que visa analisar a língua[gem] de uma perspectiva interdisciplinar (MOITA LOPES, 2006a).

No que tange ao momento contemporâneo, Fabrício (2006, p. 46) advoga que a trajetória dos sujeitos da contemporaneidade tem sido de “desestabilização, descontrole, destraditionalização e vertigens perante as transformações céleres em todos os âmbitos da vida social, cultural, política e econômica”. Dessa forma, a LA tem sido convidada a rever o seu entendimento de “linguagem como objeto autônomo, que existe em si mesmo e dentro de um domínio claramente delimitado” (p. 48) e a repensá-lo com base em perspectivas que compreendem a língua[gem] como prática social e instrumento de reflexão, ação e poder.

Como pesquisador atuante na seara da LA e sujeito extremamente inquieto com os resquícios que a modernidade deixou nas nossas formas de compreender a sociedade, a ciência, o ser humano e as suas relações com a linguagem, busco responder às seguintes perguntas: quais os caminhos históricos percorridos pela LA em busca de uma compreensão do que seja língua[gem]?; e como os/as autores/as da LA contemporânea têm abordado a língua[gem] como proposta de mudança epistemológica e metodológica em suas discussões teóricas?

O propósito do presente artigo é, por conseguinte, refletir sobre o[s] conceito[s] de língua[gem] presentes em discussões teóricas nas áreas de Sociologia, Linguística e LA que perpassam os séculos XX e XXI e investigar como os autores da LA contemporânea têm abordado a linguagem como proposta de mudança epistemológica e metodológica. Para isso, buscaremos, inicialmente, apresentar alguns caminhos percorridos pela LA no Brasil e a influência exercida pela Linguística e por outras áreas do conhecimento nesse campo de investigação. Em seguida, abordamos os conceitos de língua[gem] presentes em discussões teóricas nas áreas de Sociologia, Linguística e LA para, então, elucidarmos algumas características da LA contemporânea e como esse campo de investigação tem revisado suas bases epistemológicas e metodológicas com base em teorias pós-modernas, pós-

colonialistas, pós-estruturalistas, antirracistas, feministas e *queer*. Por fim, tecemos algumas considerações sobre os caminhos percorridos pela LA até a sua compreensão contemporânea de área de investigação mestiça, híbrida e fronteiriça; sobre o papel da língua[gem] nesse processo de transição metodológica e epistemológica; e vislumbramos possíveis caminhos para esse campo que tem se mostrado líquido e sem um destino final.

Alguns caminhos percorridos pela la

A busca pela compreensão do que seja língua[gem] não é mérito nem exclusividade da LA, sendo esse assunto discutido em outras áreas do conhecimento como: a Linguística, a Psicologia, a Filosofia, a Neurolinguística, a Sociolinguística etc. (MARTIN, 2003). Assim, faz-se relevante contextualizar de qual área estamos falando e qual o período histórico em que a nossa investigação está situada para, então, adentrarmos aos assuntos concernentes à linguagem.

A LA surge no Brasil na década de 60 e “emerge no seio da linguística, não havendo uma separação ou mesmo uma independência disciplinar” (COSTA, 2012, p. 189). Apesar de não haver distinções entre Linguística e LA no surgimento desta, faz-se relevante distinguir as duas áreas, pois, conforme afirma Rodrigues (1966 *apud* COSTA, 2012, p. 196-197, grifo nosso):

[a] **linguística pura é propriamente a ciência da linguagem**: a investigação destinada a adquirir e ampliar o conhecimento a respeito das línguas e da linguagem, ao passo que podemos chamar de **linguística aplicada todo trabalho de aplicação daqueles conhecimentos a resolução de problemas práticos ou de problemas de outras ciências**. Quem faz linguística pura faz linguística em si e por si, para descobrir como são as línguas, qual a natureza de cada idioma em particular, quais as características gerais das línguas e do fenômeno linguagem. Quem faz linguística aplicada faz uso desses conhecimentos em atividades práticas como o ensino de línguas, a resolução de problemas de tradução automática ou de alfabetização, a análise de estilos literários e de documentos arcaicos, etc.

A diferenciação entre Linguística e LA apresentada por Rodrigues na década de 60 é ainda hoje referência em investigações a nível nacional e internacional (COSTA, 2012). Nesse sentido, o autor compreende a LA como aplicação de Linguística, dado que a LA faz uso dos conhecimentos produzidos em Linguística em atividades práticas que envolvem, particularmente, o ensino de línguas e a solução de problemas que envolvem a língua[gem] em uso.

Para Moita Lopes (2009), a LA só se distingue da aplicação de Linguística no final da década de 70. De acordo com o autor, o linguista aplicado britânico Widdowson é quem vai questionar a vertente aplicacionista da LA e a restrição dessa área “a contextos educacionais e à necessidade de uma teoria linguística para a LA que não seja dependente de uma teoria linguística” (p. 15), ou seja, Widdowson teria sido o primeiro responsável por intentar uma 'independência' da LA dos conhecimentos produzidos pela Linguística.

Entretanto, ao propor uma LA 'independente' da Linguística, Moita Lopes (2009) ressalta que Widdowson, em *Explorations in Applied Linguistics* (1979), sugere que a “LA seja uma área que faça a mediação entre a teoria linguística e o ensino de línguas, ou seja, na verdade, não descarta totalmente a teoria linguística” (MOITA LOPES, 2009, p. 16). Assim, a LA ainda se vê dependente dos estudos linguísticos para a investigação dos processos de ensino de línguas, porém começa a configurar-se como área mediadora, o que dá início à utilização de conceitos advindos de outras áreas como a Psicologia Cognitiva e a Sociologia (MOITA LOPES, 2009).

A percepção de Widdowson de que os estudos em LA necessitam de outras áreas do conhecimento para trilhar possíveis compreensões acerca dos processos que envolvem o ensino e aprendizagem de línguas é o que proporciona um avanço significativo na LA, pois, “a

um só tempo nos livramos da relação unidirecional e aplicacionista entre teoria linguística e ensino de línguas e abrimos as portas para outras áreas do conhecimento de forma a se operar de modo interdisciplinar” (MOITA LOPES, 2009, p. 16).

No Brasil, as décadas de 80 e principalmente 90 são marcadas por essa imagem de 'explosão' de uma LA interdisciplinar e transdisciplinar (CAVALCANTI, 1986; MOITA LOPES, 1990; SIGNORINI e CAVALCANTI, 1998). De acordo com Signorini e Cavalcanti (1998), a metáfora da 'explosão' pode parecer ambígua nesse contexto, mas, na verdade, é bastante esclarecedora,

por um lado, porque está ligada à da arrebentação das linhas de contorno e consequente expansão das zonas fronteiriças, contribuindo para uma melhor definição do campo aplicado em sua condição de interface não transparente e neutra entre diferentes áreas e disciplinas que se interessam pelas questões relacionadas ao uso da linguagem. Por outro lado, a imagem da explosão também enfatiza a da passagem de um estado de coisas para outro, ou de uma certa ordem para outra, sempre sujeita a novas configurações (SIGNORINI e CAVALCANTI, 1998, p. 7).

Nessa perspectiva, é possível notar que a LA busca romper os grilhões que a prendem em uma perspectiva aplicacionista disciplinar e assumir seu caráter mestiço, nômade, fronteiro e inter/transdisciplinar. Embora esses esforços já existissem na reconfiguração da LA na década de 80, Moita Lopes (2006a, p. 20, grifo do autor) acredita ser necessário reconhecer que a interdisciplinaridade era mais defendida como simulacro do que de fato executada, o que já o levou a dizer ironicamente que “na LA existe interdisciplinaridade, *pero no mucho!*”.

Já a década de 90 foi marcada por um entendimento de LA que extrapola os contextos de ensino e aprendizagem de língua estrangeira (especialmente, Inglês) e passa a estudar outros campos e contextos. Foram relevantes nessa época “os *insights* de teorias socioculturais, na linha de Vygotsky e Bakhtin, sobre a relevância de entender a linguagem como instrumento de construção do conhecimento e da vida social, recuperados em muitas áreas de investigação” (MOITA LOPES, 2009, p. 18).

Apesar das tentativas de enfatizar os problemas do mundo real e do cotidiano relacionados à língua[gem], a LA ainda tem como um dos focos principais de investigação questões de ensino e aprendizagem de inglês como segunda ou língua estrangeira (doravante LE) (KUMARAVADIVELU, 2006, p. 136). Nesse sentido, muitos autores contemporâneos (MOITA LOPES, 2009; PENNYCOOK, 1998; URZÉDA FREITAS, 2012, entre outros) têm chamado a atenção para o papel colonialista da LA que, no mundo globalizado, transformou-se em meio profícuo para ganhar dinheiro, considerando que muitos linguistas aplicados vendem suas teorias, seus livros (didáticos ou teóricos), seus testes e métodos de ensino de inglês, sem qualquer preocupação com os modos de vida e práticas locais (MOITA LOPES, 2009, p. 17).

E a língua[gem], como fica nessa história?

“A linguagem é inata ou adquirida? A linguagem dos hominídeos é de natureza diversa da natureza das linguagens observáveis em outras espécies? Em quem as línguas naturais se diferenciam de outras formas de linguagem?” (MARTIN, 2003, p. 103). Iniciamos esta seção com tais questionamentos por acreditarmos que essas e muitas outras perguntas têm convidado linguistas, filósofos, sociólogos, psicólogos, linguistas aplicados e tantos outros estudiosos a se debruçarem sobre o assunto e, incansavelmente, desenvolver hipóteses, teorias, abordagens, metodologias e métodos que buscam explicar a origem, as funções e as implicações da língua[gem] na vida humana. Dessa forma, apresentaremos algumas concepções de língua[gem] desenvolvidas por linguistas, sociólogos e linguistas

aplicados dos séculos XX e XXI, no intuito de compreendermos como estarem influenciado os nossos modos de produzir conhecimento, enxergar o ser humano e desenvolver pesquisa.

Figueiredo (2015, p. 15) afirma que o homem é um ser privilegiado por ter a capacidade da linguagem, pois “é a linguagem que faz com que o homem possa pensar, refletir, exprimir-se, interagindo com os outros homens e com o que há a sua volta, tornando-se, pois, diferente dos outros seres vivos”. No entanto, ainda segundo o autor, para que as ações supracitadas sejam possíveis, o homem faz uso de uma língua que, em seu entendimento, “é o conjunto das palavras e expressões usadas por um povo e o conjunto de regras da sua gramática, que é concretizada pelo discurso de seus falantes, por meio da interação entre eles” (op. cit.), ou seja, linguagem e língua estão imbricadas nessas duas dimensões de um mesmo fenômeno.

Bastos e Candiotto (2007) corroboram a afirmação de Figueiredo (2015) de que a linguagem é uma faculdade, isto é, uma competência do ser humano, o que o diferencia das outras espécies e o torna *homo loquens*. Os autores acrescentam, ainda, que devemos entender a linguagem como sistema fechado, como estrutura, de domínio social e independente de qualquer situação cultural ou manifestação individual. Nesse sentido, a manifestação cultural, para Bastos e Candiotto (2007, s/p), não se dá por meio da linguagem, mas da língua, que é “o código sógnico articulado utilizado por um grupo ou uma comunidade humana específica”.

Por outro lado, o francês Pierre Bourdieu (1977) advoga que a sua área de investigação, a sociologia, não consegue escapar das forças que os conceitos presentes em Linguística exercem sobre as ciências sociais. Isso porque a própria Linguística confunde dois conceitos das ciências sociais – os conceitos de genealogia social (estudo das condições sociais de possibilidade) e genealogia intelectual (estudo das condições lógicas de possibilidade), suscitando, assim, a compreensão de que “a língua é feita para comunicar, portanto, para ser compreendida, decifrada e que o universo social é um sistema de *trocãs simbólicas* e a ação social um ato de comunicação”, o que faz com que a linguagem seja entendida mais como “um objeto de *intelecção* do que um *instrumento de ação* (ou de poder)” (BOURDIEU, 1977, p. 2, grifo do autor).

Bourdieu (1977) diverge da concepção de Bastos e Candiotto (2007) no que concerne ao entendimento da linguagem como ‘competência ou faculdade do ser humano’, pois essa competência está implicitamente relacionada ao conceito de competência linguística, ou melhor, a capacidade humana de elaborar discurso infinito gramaticalmente correto. Segundo o autor, essa competência jamais poderá ser autonomizada, dado que a “linguagem é uma *práxis*: ela é feita para ser falada, isto é, utilizada nas estratégias que recebem todas as funções práticas possíveis e não simplesmente as funções de comunicação” (BOURDIEU, 1977, p. 3).

Urzêda Freita e Pessoa (2014, p. 366) corroboram a afirmação de Bourdieu (1977) ao argumentarem que a perspectiva de linguagem como competência humana focaliza apenas aspectos linguísticos e desconsidera os aspectos ideológicos e intersubjetivos que caracterizam toda e qualquer atividade humana mediada pela linguagem. No contexto de ensino e aprendizagem de LE, a compreensão de linguagem como faculdade humana contribui diretamente para a criação e implementação da abordagem comunicativa. Segundo Urzêda Freitas e Pessoa (2014, p. 365), os autores que defendem esse tipo de abordagem geralmente entendem a língua como instrumento de comunicação e a educação linguística como processo neutro.

A ideia de sistema fechado, estruturado, abstrato, apolítico, a-histórico, neutro, inato ao ser humano, objeto de *intelecção* e relacionado à capacidade de produzir sentenças infinitas gramaticalmente corretas foram e ainda são algumas das características que

pesquisadores de diversas áreas, incluindo a LA, atribuíram/atribuem à língua[gem]. No entanto, é possível notar que esses aspectos sólidos têm sido substituídos por compreensões mais líquidas.

Fabrício (2006, p. 48, grifo nosso), por exemplo, aborda a língua[gem] como “conjunto de **relações em permanente flutuação**, por entender que ela é **inseparável das práticas sociais e discursivas** que constroem, sustentam ou modificam as capacidades produtivas, cognitivas e desejantes dos atores sociais”. Nesse sentido, muitos estudos contemporâneos optam por uma abordagem da língua[gem] como prática social, observada em uso e ligada a contextos específicos.

Em consonância com Fabrício (2006), Pessoa e Urzêda Freitas (2012) consideram a língua[gem] como dialógica, de caráter social e contextual, além de destacarem sua natureza política, pragmática e intimamente ligada à realidade. No que diz respeito ao seu caráter pragmático, Souza Filho (2006 *apud* PESSOA; URZÊDA FREITAS, 2012, p. 4) alega que “a língua[gem] não pode somente descrever objetos físicos ou circunstâncias sociais, mas também executar ações no mundo em geral”, convergindo, assim, com a acepção de Bourdieu (1977) de que a língua[gem] é uma *práxis*, ou seja, é utilizada em todas as funções práticas possíveis, extrapolando as funções comunicativas defendidas por Figueiredo (2015).

Já Kumaravadelu (2006, p. 139) adverte que os linguistas aplicados precisam superar a percepção de linguagem como sistema e começar a tratá-la como discurso. O autor entende discurso no sentido foucaultiano, que

designa o território conceitual inteiro no qual o conhecimento é produzido e reproduzido. Inclui não somente o que é, na verdade, pensado e articulado, mas também determina o que pode ser dito ou ouvido e o que é silenciado, o que é aceitável e o que é tabu. O discurso, nesse sentido, é um campo ou domínio dentro do qual a linguagem é usada de modos particulares. Esse campo ou domínio é produzido nas e por meio das práticas sociais, instituições e ações (KUMARAVADIVELU, 2006, p. 140).

Assim, o foco passa a ser questões relativas à desigualdade social e disparidade de poder, pois o discurso, na perspectiva foucaultiana, nos permite investigar e compreender como os ‘discursos silenciados’ também influenciam na forma que produzimos e reproduzimos conhecimentos, dado que essa perspectiva desafia diretamente as hegemonias ao buscar formas alternativas de expressão e interpretação dos fenômenos circundados pelo discurso (KUMARAVADIVELU, 2006).

Moita Lopes (2009) assevera que é essencial compreender que a racionalidade e os significados não são anteriores a seus usos em nossas performances nas práticas discursivas. Portanto, somos frutos dos nossos discursos, o que implica na possibilidade de reformulação desses discursos no aqui e no agora, ou seja, “a racionalidade tem corpo e história: é um reino da ideologia” (MOITA LOPES, 2009, p. 21).

Bakhtin e Volochinov (1929/2014, p. 31) afirmam que “tudo o que é ideológico é um signo”. Nessa perspectiva, compreendem a língua[gem] como conjunto de signos ideológicos extrínsecos ao ser humano, dado que as bases de suas investigações de origem marxista os levaram a entender que “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo” (op. cit.). Assim, os autores defendem que o estudo das ideologias não depende em nenhuma espécie da psicologia; ao contrário, a psicologia deve se apoiar nos estudos das ideologias, uma vez que:

cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sobre da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/2014, p. 33).

Ao conceber a linguagem como “arena onde se confrontam valores sociais contraditórios” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/2014, p. 14), os autores consideram o *conflito* como a verdadeira substância da língua e não o *diálogo* conforme interpretam Liberali e Fuga de sua leitura (2014, p. 57), ao passo que “a comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica **conflitos**, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc.” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/2014, p. 14, grifo nosso). Dito isso, a noção de língua[gem] como discurso (KUMARAVADIVELU, 2006), como *práxis* (BOURDIEU, 1977) ou como signo ideológico (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/2014) convergem no sentido de entenderem a língua[gem] como instrumento de ação, reflexão, político, ideológico e de poder, responsável não somente pela interação entre seres humanos, mas também por veicular discursos e ideologias capazes de reforçar o poder da classe dominante, silenciar vozes, ditar o que pode ser dito, determinar 'verdades' e causar sofrimento humano.

4o 'movimento' presente na la contemporânea

A palavra 'movimento' será aqui utilizada no sentido de mutação, liquidez, transformação, desestabilidade e fluidez perante as (tentativas de) mudanças ocorridas nos modos de compreender a natureza do ser humano (âmbito ontológico), de construir conhecimentos (âmbito epistemológico) e de produzir ciência (âmbito metodológico). Isso porque a LA contemporânea encontra-se em um momento de “desaprendizagem” e “redescrção” desses três âmbitos (FABRÍCIO, 2006).

Para intentar e, principalmente, promover qualquer tipo de mudança nas esferas supracitadas, argumentamos ser imprescindível compreender o momento pelo qual optamos chamar de contemporâneo. Nesse sentido, Fabrício (2006, p. 46) menciona vários autores para sustentar sua afirmação de que o momento contemporâneo é sinônimo de uma multiplicidade de fenômenos – comumente chamados de “globalização” – e, em síntese, a autora apresenta algumas de suas características mais marcantes, dentre as quais destaca:

- 1) a transnacionalização das dimensões política e econômica e a exacerbação dos aspectos constitutivos do tripé da modernidade – mercado, técnica e individualismo – como fatores marcantes de uma sociedade de excessos (mercadologização de quase toda a vida social e cultural, sobrecarga de informações, onipresença da mídia e hiperindividualismo);
- 2) a compressão espaço-tempo possibilitada pela velocidade da circulação de discursos e imagens disponibilizados em tempo real pela TV ou pela internet, que, ao produzirem uma megaestimulação visual e cognitiva, vêm tornando os regimes de atenção, concentração e percepção cada vez mais rápidos, instantâneos, multifocais e fragmentários, fabricando novos espaços de visualidade, de experimentação e de construção de sentido (como, por exemplo, espaços e simuladores virtuais e holográficos);
- 3) a mestiçagem de discursos e práticas tradicionalmente pertinentes a domínios discretos (presente nos processos de hibridação de público e privado, mercado e educação/saúde, política e *marketing*, mídia e vida, tecnologia e corpo, entre outros);
- 4) os novos roteiros de subjetivação decorrentes da estruturação das relações sociais como consumo; do imperativo social e moral da imediatividade do prazer e da satisfação; do culto à aparência e ao corpo produtivo, saudável, em forma, visível e tecnologizado; da tendência ao declínio da interioridade e da reflexividade como valores; e do incremento da fisicalização da noção de “eu”;
- 5) a desvalorização de compromissos comunais e a consequente privatização das ações na busca de soluções individuais para problemas produzidos socioculturalmente; e, como corolário,
- 6) o crescente declínio e despolitização do espaço público, decorrente do

esvaziamento do sentido moral dessa arena (FABRÍCIO, 2006, p. 46).

Como aponta a autora neste pequeno esboço, a contemporaneidade tem sido atravessada por ações, instituições, técnicas, mídias, discursos, políticas e práticas sociais que incidem em um capitalismo desenfreado, baseado no consumo descomedido de quase todos os bens produzidos nesse tipo de sociedade. Apesar de todos os efeitos maléficos desencadeados pela globalização, é preciso reconhecer que este fenômeno também permite novas formas de ser e experimentar o mundo e as suas manifestações jamais possíveis em qualquer outra época. Nessa perspectiva, optar por explicações simplistas ou reducionistas a respeito dos fenômenos sociais ou dos fenômenos da linguagem são consideradas insuficientes ou problemáticas, dado que a complexidade que caracteriza o nosso momento não pode ser ignorada (FABRÍCIO, 2006). Consequentemente, a LA contemporânea não busca encontrar soluções imediatistas para os problemas com que se defronta ou constrói, mas os problematiza ou 'lança luz' sobre eles, "de modo que alternativas para tais contextos de uso da linguagem possam ser vislumbradas" (MOITA LOPES, 2006a, p. 20).

Essa fluidez, além de fazer parte do ente contemporâneo, também vem movendo parte da produção de pesquisa em LA (por exemplo, FABRÍCIO, 2006; MOITA LOPES, 2006a, 2009, 2013a; RAJAGOPALAN, 2006; PENNYCOOK, 1998, 2001, 2006, entre outros), ao passo que esses/as pesquisadores/as têm buscado romper com um dos focos principais de investigação da LA – questões relacionadas ao ensino de inglês como segunda língua ou LE (KUMARAVADIVELU, 2006) – e têm explorado contextos que vão além da sala de aula de LE. Moita Lopes (2009) discorre que alguns dos contextos investigados atualmente em LA são salas de aula de língua materna – no campo dos letramentos – para as empresas, clínicas de saúde e delegacias de mulheres. Assim, é possível notar que a concepção sólida e rígida de LA como uma área interessada exclusivamente no ensino e aprendizagem de línguas, principalmente língua inglesa, começa a se espalhar para outros contextos de produção e de educação linguística, como os mencionados por Moita Lopes (2006a).

Ao repensar e ampliar seus contextos de investigação, a LA contemporânea revela mais uma de suas características – o seu caráter autorreflexivo, pois assume "suas escolhas ideológicas, políticas e éticas" e submete a "estranhamento contínuos não só suas construções, como também os 'vestígios' de práticas modernas, iluministas ou coloniais" (FABRÍCIO, 2006, p. 50-51). Apesar de todas as reconfigurações da LA mencionadas até aqui, Moita Lopes (2006a, p. 20) advoga que "foi certamente o viés de interdisciplinaridade que causou mais impacto no desenvolvimento da LA contemporânea", pois permitiu a esta encontrar outros modos de teorização e de fazer pesquisa, passando a ser compreendida como nômada, fronteiriça, mestiça e indisciplinar.

Já Pennycook (2006, p. 67, grifo nosso) adota uma visão de linguística aplicada crítica (LAC) e, em vez de compreendê-la como interdisciplinar, o autor a compreende "como uma forma de **antidisciplina** ou **conhecimento transgressivo**, como um modo de pensar e fazer sempre problematizador". Isso porque a LAC não está preocupada em adicionar uma visão crítica à LA, mas sim em gerar algo muito mais dinâmico e que tem a ver com novas criações. Nas palavras do autor, a LAC "possibilita todo um novo conjunto de questões e interesses, tópicos tais como identidade, sexualidade, acesso, ética, desigualdade, desejo ou a reprodução de alteridade, que até então não tinham sido considerados como de interesse em LA" (p. 68).

Assim, compreender a LA atualmente como aplicação de linguística, estática, disciplinar e preocupada somente com questões referentes ao ensino e aprendizagem de LE/inglês não parece um tanto retrógrado. A LA contemporânea sobrepuja essas e tantas outras características simplistas e/ou reducionistas para se consagrar como

Indisciplina (MOITA LOPES, 1998) ou antidisciplina (PENNYCOOK, 2006), entendendo a língua[gem] como prática social e reescrevendo nossos tempos a partir de visões não-eurocêntricas, anticolonialistas e anti-etnocêntricas, ao passo que busca “abrir espaço para visões alternativas ou para ouvir vozes que possam revigorar nossa vida social ou vê-la compreendida por outras histórias” (MOITA LOPES, 2006a, p. 23).

E agora, o que nos resta fazer: aprender ou 'desaprender'?

Iniciamos esta seção com tal questionamento, pois, como temos visto neste artigo, a LA contemporânea tem revisitado e questionado suas epistemologias e metodologias em busca de práticas mais inter/transdisciplinares, híbridas, contingentes, políticas e éticas. No entanto, como essas reconfigurações epistemológicas, metodológicas, políticas e éticas têm sido teorizadas e postas em ação por autores/as que defendem uma LA problematizadora e autorreflexiva?

A primeira necessidade de pensar novos caminhos teóricos e metodológicos para a LA, segundo Moita Lopes (2006a, p. 22), diz respeito às teorias presentes nas ciências sociais e nas humanidades que têm interpelado a modernidade, “acarretando profundos questionamentos sobre os tipos de conhecimento produzidos e tentando explicar as mudanças contemporâneas que vivemos”. Nesse sentido, o autor argumenta que precisamos investigar a relevância dos conhecimentos teóricos e metodológicos utilizados por nós, linguistas aplicados, para a realização das nossas pesquisas e aponta para a necessidade de usarmos “um novo par de óculos”, que nos permita ver ir além “do que Pennycook (1998), entre outros, chama de uma LA modernista” (op. cit).

Fabrizio (2006, p. 49) destaca que tem havido um hibridismo teórico-metodológico na seara da LA contemporânea e propõe o desenvolvimento de três agendas que adotem essa nova postura no campo dos estudos linguísticos, a saber: uma *agenda política*, uma *agenda transformadora/intervencionista* e uma *agenda ética*. A orientação explícita para a criação dessas agendas deve-se ao fato de que nós, pesquisadores/as do campo das ciências sociais, devemos ser éticos na seleção das nossas teorias, assim como precisamos compreender os limites dessas escolhas epistemológicas, pois, como afirma Moita Lopes (2006b, p. 98), “nossas teorizações não podem valer sobre questões a que não se destinam”.

Isso porque as investigações em LA atualmente objetivam desconstruir o modo de pesquisa positivista e reinserir o sujeito social na construção de saberes, “tornando-o inseparável do conhecimento produzido sobre ele mesmo assim como das visões, valores e ideologias do próprio pesquisador” (MOITA LOPES, 2013a, p. 17), de tal forma que reconhecer que os participantes das nossas pesquisas devem ser chamados para opinar sobre os resultados destas, assim como para avaliar se as nossas questões de pesquisa são válidas de seus pontos de vista, passam a ser dimensão essencial em áreas aplicadas (MOITA LOPES, 2006a, p. 23).

A concepção de um sujeito homogêneo, branco, heterossexual essencializado atravessou a Idade Média e alcançou a Modernidade. No entanto, as teorias *queer*, antirracistas, pós-modernas e pós-colonialistas têm se encarregado de desconstruir esse “pseudo-sujeito” moderno – responsável por narrativizar e protagonizar as histórias de guerras, vitórias, dominações, colonizações e extermínios do ocidente até então – e reescrever esses sujeitos sociais, pois essas correntes teóricas compreendem a pluralidade que atravessa os corpos e práticas sociais, chamando a atenção para outras características como a nossa natureza fragmentada, contraditória, fluida, heterogênea e atravessada por múltiplas identidades não essencializadas (MOITA LOPES, 2006b, p. 102). Desse modo, muito do que tem se pesquisado em ciências humanas e sociais atualmente baseia-se na

compreensão de que o mundo social e nós mesmos, sujeitos cognoscentes, somos produtos e produtores dos conhecimentos que circundam as nossas vidas, ou seja, os espaços marginalizados e as 'vozes do sultêm sido vistos como possibilidade de surgimento de "novas formas de percepção e de organização da experiência não comprometidas com lógicas e sentidos históricos viciados" (FABRÍCIO, 2006, p. 52).

Essas formas de desafiar as hegemonias, celebrar a diferença e buscar meios alternativos de expressão e interpretação são chamados por Kumaravadelu (2006, p. 139) de filosofia pós-modernista, que, segundo o autor, "procura desconstruir os discursos dominantes, tanto quanto os contra-discursos, ao fazer indagações nos limites da ideologia, do poder, do conhecimento, da classe, da raça e do gênero". Nesse sentido, alguns trabalhos recentes em LA sobre gênero, sexualidade, raça em contextos de letramentos escolares (MOITA LOPES, 2013b) e sobre leitura e escrita na era digital: considerações críticas para professor@s de línguas (FIGUEIREDO, 2014) são alguns exemplos de pesquisas que compreendem a LA e suas abordagens teórico-metodológicas como contemporâneas, híbridas e críticas.

A ética também é assunto em evidência quando se trata de reconfigurações na LA contemporânea. Como afirma Fabrício (2006, p. 62), as nossas pesquisas não devem intentar o saber pelo saber, sem um compromisso pessoal, social e profissional com os nossos sujeitos de pesquisa, com a nossa área de investigação e, principalmente, com os sujeitos sociais que têm acesso e leem os nossos escritos. Nessa perspectiva, "as nossas construções devem objetivar uma vida melhor" (op. cit.), assim como "assumir posturas morais e críticas a fim de tentar melhorar e mudar um mundo estruturado na desigualdade" (PENNYCOOK, 1998, p. 39).

Moita Lopes (2006b) assevera que normas e valores não são iguais para todos, pois refletem escolhas discursivas específicas, eliminando, assim, qualquer tipo de posição neutra e desinteressada do conhecimento. Para o autor, "tendo em vista alternativas e significados existentes, é legítimo preferir uns e refutar outros" (MOITA LOPES, 2006b, p. 103). No entanto, prevalece a questão posta no parágrafo anterior de que as nossas escolhas devem se embasar em significados éticos que prezem por uma vida melhor e que não causem qualquer tipo de sofrimento humano.

Enfim, buscaremos responder ao questionamento lançado no início desta seção – e agora, o que nos resta fazer: aprender ou 'desaprender'? – com base na afirmação de Fabrício (2006, p. 61), de que a *desaprendizagem* deve ser levada em consideração quando qualquer tipo de conhecimento é tomado como incontestável e irreversível, contribuindo, assim, para o sofrimento humano ou quando "propostas de desconstruções frequentemente resultam na substituição da tradição por outros regimes igualmente encapsuladores de condições e perspectivas" (p. 49). Portanto, defendemos uma LA autorreflexiva e problematizadora que, suspeitando dos sentidos consagrados pela ciência moderna ou de estudos que se dizem críticos, desaprende os modos neutros, estanques e sólidos de construir saberes movimenta-se continuamente, sem destino fixo (FABRÍCIO, 2006).

Considerações inconclusivas

Buscamos, neste trabalho, refletir sobre o[s] conceito[s] de língua[gem] presentes em discussões teóricas nas áreas de Sociologia, Linguística e LA que perpassam os séculos XX e XXI e investigar como os autores da LA contemporânea têm abordado a linguagem como proposta de mudança epistemológica e metodológica. A partir das nossas leituras, é possível considerar que os caminhos trilhados pela LA apontam para uma compreensão da área como interdisciplinar, mestiça, híbrida e fronteiriça, que entende o papel da língua[gem] como central na reformulação das suas bases metodológicas, epistemológicas, políticas e

éticas.

Isso porque a língua[gem] deixa de ser considerada estanque, sólida, apolítica, a-histórica, neutra, inata, sistematizada etc. e passa a ser entendida como instrumento de ação e reflexão, fluida, líquida, contingente, ideológica, política, social, capaz de causar sofrimento humano, determinar verdades e de silenciar vozes e imprescindível na re/des/construção das nossas identidades, mas também passível de gerar transformações positivas e esperançosas na vida das pessoas, passando a ser performada e não pré-formada e caracterizando-se como um dos elementos-chave para outras possíveis compreensões do mundo social e contemporâneo.

Assim, acreditamos que a língua[gem] contribui diretamente para as redescrições teórico-metodológicas presentes na LA contemporânea e abre possíveis caminhos que visam “desaprender a noção de negatividade atribuída à mestiçagem e apostar na fluidez e nos entre-espacos como um modo privilegiado de construção de conhecimento sobre a vida contemporânea” (FABRÍCIO, 2006, p. 62). Diante disso, as pesquisas no campo da LA contemporânea parecem convergir para a mesma observação já feita por colegas de pesquisa de outras áreas científicas que sempre nos dizem: “a revolução ocorre é na e pela língua[gem]!”. É o que vimos neste trabalho.

Notas

⁴ Kumaravadivelu (2006, p. 139) alega que “o tipo de LA associado ao modernismo trata a linguagem primariamente como um sistema e opera segundo um paradigma de pesquisa positivista e prescritivo”.

⁵ Não nos restringiremos aos conceitos de língua[gem] presentes em LA, pois advogamos sua natureza inter/transdisciplinar e entendemos que estes conceitos já eram investigados em outras áreas do conhecimento que contribuíram profundamente para o desenvolvimento da LA como INdisciplina (MOITA LOPES, 1998).

⁶ Trataremos mais detalhadamente sobre esses campos e contextos na seção 4.

⁷ Apesar de o autor não fazer referência à Linguística Aplicada (dando preferência a Linguística), optamos por mencioná-lo em nossas discussões pelo fato de suas considerações terem sido relevantes para novas formas de se compreender a língua[gem], principalmente na LA contemporânea.

⁸ Minhatradução para: “language can not only describe physical objects or social circumstances, but also execute actions in the world at large”.

⁹ Os autores citados por Fabrício (2006, p. 46) são: Bauman (2001; 1999), Bucci & Kehl (2004), Bezerra Jr. (2002; 2001), Chouliaraki & Fairclough (1999), Freire Costa (2004), Fabrício (2004), Friedman (2000), Rolnik (1997), Sennet (1999; 1998) e Thompson (1995).

¹⁰ Apesar de adotar o termo ‘globalização’, a autora admite que há uma diversidade conceitual que busca caracterizar esse momento e menciona alguns desses conceitos e seus autores. Para mais, ver Fabrício (2006).

¹¹ Esses termos são mais comumente encontrados nas obras de Moita Lopes (1998, 2006 e 2009).

¹² Moita Lopes (2013, p. 16) entende por pesquisa positivista “aquela que se utiliza de estatística inferencial, padronização dos dados, amostra, seleção de variáveis dependentes e independentes, grandes generalizações etc.”.

¹³ Moita Lopes (2006a, p. 27) utiliza essa metáfora das ‘vozes do sul’ para apresentar alternativas sobre os fenômenos que ocorrem no mundo contemporâneo, assim como para “colaborar na construção de uma agenda anti-hegemônica em um mundo globalizado, ao mesmo tempo em que redescreve a vida social e as formas de conhecê-la”.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2005.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. (1929) **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 16a edição, 2014.
- BASTOS, C. L. e CANDIOTTO, K. B. B. Linguagem, língua e fala. In: **Filosofia da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 1998, p. 23-52.
- CAVALCANTI, M. A propósito de Linguística Aplicada. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas-SP, v. 7, n.2, 1986, p. 5-12.
- COSTA, H. R. da. O Discurso Historiográfico da Linguística Aplicada. A-2. Confluência (Rio de Janeiro). v. 1-2, 2012, p. 184-206.
- FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”. In: **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 45-65.
- FIGUEIREDO, D. C. Leituras e escrita na era digital: considerações críticas para professor@s de línguas. In: MATEUS, E.; OLIVEIRA, N. B. (Orgs.). **Estudos Críticos da Linguagem e Formação de Professores/as de Línguas: Contribuições Teórico-Metodológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014, p. 145-165.
- FIGUEIREDO, F. J. Q. de. **Aprendendo com os erros: uma perspectiva comunicativa de ensino de línguas**. Ed. da UFMG, 2015.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2009.
- KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 129-148.
- MARTIN, Robert. A filosofia da linguagem. In: _____. **Para entender a linguística: epistemologia elementar de uma disciplina**. São Paulo: Parábola, 2003, p. 101-133.
- MOITA LOPES, L. P. da. A final, o que é Linguística Aplicada? **Intercâmbio**, v. 2, 1990. pp. 13-21.
- _____. A transdisciplinaridade é possível em linguística aplicada? In: SIGNORINI, I. e CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 101-114.
- _____. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006a.
- _____. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006b, p. 85-107.
- _____. Da aplicação de linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 11-24.
- _____. **Linguística aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antonietta Celani**. Parábola, São Paulo, 2013a.
- _____. Gênero, sexualidade, raça em contextos de letramentos escolares. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Linguística aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antonietta Celani**. Parábola, São Paulo, 2013b, p. 227-247.
- PENNYCOOK, A. A Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 23-49.
- _____. **Critical Applied Linguistics. A Critical Introduction**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2001.

PESSOA, R. R.; URZÊDA FREITAS, M. T. **Challenges in critical language teaching**. TESOL Quarterly (Print), V.46, p. 753-776, 2012.

SIGNORINI, I. e CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

URZÊDA FREITAS, M. T. de e PESSOA, R. R. Discursos de identidades, ensino crítico de línguas e mudança social: análise de uma experiência localizada. In: MATEUS, E.; OLIVEIRA, N. B. (Orgs.). **Estudos Críticos da Linguagem e Formação de Professores/as de Línguas: Contribuições Teórico- Metodológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014, p. 365-395.

Recebido em: 28/05/2015

Aprovado para publicação em: 12/05/2016